

Tânia Abreu
(Diretora de Biblioteca da EBP)

EBP Escola Brasileira
de Psicanálise

Agosto 2014



BIBLIÔ INFORMA

Boletim eletrônico das
Bibliotecas da EBP

Bibliô #13

Agosto 2014

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

Tânia Abreu (Diretora de Bibliotecas da EBP)

Editorial

Seções e delegações da EBP continuam aquecendo as turbinas através de seminários, apresentações de trabalhos e conversações clínicas, para as Jornadas locais e o XX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano “Trauma nos corpos, violência nas cidades”, que acontecerá em Belo Horizonte, de 21 a 23 de novembro, com a presença de Miquel Bassols. Será também o momento em que a EBP comemora os 50 anos do “Ato de Fundação” com o Evento-Cartéis, imprescindível dispositivo para a formação do analista: “Os destinos do amor” terá lugar em Belô (22 de novembro).

O pontapé inicial das jornadas preparatórias deu-se com o evento na delegação MT/MS: “O corpo e a Urbe - fronteiras e desordens” (25 e 26 de julho), com a presença de colegas da ECF e Rômulo Ferreira da Silva. Nos dias 22 e 23 de agosto é a vez da IX Jornada da Seção SC “Psicanálise, crenças, leis”, com o convidado internacional Mario Goldenberg (EOL/AMP). Esta será uma jornada muito especial, pois também abrigará o “I Colóquio do Observatório da Psicanálise Lacaniana da EBP”, que inicia uma série em Florianópolis, mas terá sequência em outras seções e delegações, sempre acolhendo um tema candente à comunidade analítica. Até o mês de novembro as demais localidades realizarão suas Jornadas, em torno do tema do XX Encontro.

O DR discute neste número a questão da guerra. Bibliô priorizou trazer algumas reflexões sobre a guerra na Faixa de Gaza, a partir da pergunta: trata-se de uma guerra religiosa? Ante o inevitável debate, foi oportuno encontrar as palavras pronunciadas por Miquel Bassols, em entrevista publicada no Boletim *EsseOEsse* n.1 do XX Encontro Brasileiro, “O sujeito de nosso tempo vive, de fato, sob a ameaça de um real que pode explodir a qualquer momento”. Ao pronunciá-las, Bassols sequer supunha que poucos meses após conceder a entrevista, estouraria mais um episódio da sangrenta guerra, que acompanhamos com dor e inquietação. Nessa entrevista, o Delegado Geral da AMP disse que o analista deveria funcionar como “artífice do real”, propondo a palavra como forma de desativar (ou ao menos mitigar) os efeitos da bomba do real que cada sujeito porta, decifrando seu mecanismo simbólico. Ele critica as políticas higienistas que, com seu modo reducionista de tratar o sintoma, esperam fazê-lo “sumir do mapa”, sem perguntar sobre o sentido que encerra para cada sujeito. No contexto atual, trata-se de fazer sumirem os palestinos do mapa, na chamada “guerra religiosa”. Seria assim tão simples ler o que acontece há anos no Oriente Médio? “Cobra de sete cabeças” foi a expressão de Bassols para denominar o sintoma, “que as reproduz de modo diretamente proporcional à operação de cortá-las”. E esta me parece boa metáfora para ler o obscuro genocídio que está em marcha, sem falar que *proporção* é também um significado oportuno, dada a insensata resposta do Ministro das Relações Exteriores de Israel às críticas veiculadas pela diplomacia brasileira. É no mínimo cruel, comparar a derrota no futebol, ao extermínio de mulheres e crianças palestinas. Miller no texto “Crença e psicanálise”¹ chama a atenção para a diferença entre religião e religioso, e no vergonhoso episódio vê-se as duas dimensões se misturarem, sem desconsiderar que a lei imposta pelo governo israelita, longe de defender uma

¹ CHORNE, D. Y GOLDENBERG, M. organizadores - LA GRENCIA Y EL PSICOANÁLISIS, *Religião, psicoanálisis*, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 38.

verdade, utiliza o avanço da ciência e do poderio econômico para dizimar vidas, numa correlação de forças absolutamente desproporcional, mesmo porque, nenhuma proporcionalidade poderia justificar uma guerra.

No empuxo desse lamentável episódio, e apostando na possibilidade de invenção de outros recursos para fazer frente ao real sem lei do século XXI, propomos a leitura da entrevista concedida por Samyra Assad, Coordenadora do Observatório Lacaniano da EBP, levando em conta que religião é o tema que motiva a realização do I Colóquio “Desafios contemporâneos à psicanálise”.

Para lembrar uma dessas boas invenções, temos em *Urbanas*, o delicado tributo à Ariano Suassuna, escrito por nosso colega pernambucano José Carlos Lapenda Figueroa.

Imperdível o trabalho realizado pela equipe do *Bibliô Referências* coordenado por Mirtha Zbrun, que neste número dá seguimento à pesquisa das referências de Lacan no seminário 6, com o trabalho sobre os dois sonhos, o do pai morto e da paciente de Ella Sharpe.

Em *Aconteceu*, continuamos acompanhando as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas da EBP e desta vez, o destaque é para a atividade ocorrida em 28 de julho na EBP-RJ, quando a diretoria de biblioteca incluiu na atividade preparatória às Jornadas Anuais da Seção, uma homenagem a Eduardo Coutinho, cineasta e também um “artífice do real”, cujo lamentável desaparecimento provocou impacto, não só pela prematuridade, mas, sobretudo, pela forma trágica como ocorreu.

Boa leitura!

Laureci Nunes

Diretora de Biblioteca da EBP-SC

Acontece nas Seções e Delegações

Seção Minas Gerais – Diretora de Biblioteca – Laura Rubião

A humanidade aprimora cada vez mais seus equipamentos de segurança, uma vez que o estado de emergência parece não estar mais localizado em situações específicas e excepcionais. Ele se generaliza, colocando-nos a todos em estado de alerta contra algo difícil de nomear e que escapa a toda causalidade programada^[1] - uma espécie de ‘síndrome do stress pré-traumático’. E os aparatos de defesa se multiplicam na tentativa de cercar toda contingência: na política do armamento e da vigilância, nos muros dos condomínios privados, nas medidas terapêuticas profiláticas, no alerta contra manifestações de ‘vandalismo’, na política anti-drogas

Conferência: O novo discurso urbanístico: a cidade - dispositivo

Convidado: Reginaldo Cardoso (Mestre em Ciência Política pela UFMG e doutor em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR-UFRJ . Ex-professor do Depto de Ciência Política da UFMG , é, atualmente, Pesquisador Associado do “Laboratório Estado, Sociedade, Território e Espaço” do IPPUR-UFRJ e professor da Faculdade Santa Rita (Fasar).

Comentários: Cristina Vidigal

Data: 19 de agosto de 2014

Horário: 20h30

Local: Sede da EBP-MG

Seção São Paulo – Diretora de Biblioteca – Cynthia Freitas

MALLARMÉ COM LACAN

Uma conversa sobre *Mallarmé O Livro*: Estudo psicanalítico de Joseph Attié

Dia: 23 de agosto de 2014.

Local: Casa das Rosas. Av Paulista, 37, Bela Vista.

Uma conversa em torno do Livro de Joseph Attié, sobre a obra de Mallarmé. O autor aborda a obra de Mallarmé pelo viés da psicanálise de orientação lacaniana procurando extrair uma lógica ligada à língua e a letra.

Manoel Barros da Mota,

Filósofo, Psicanalista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, mestre em Filosofia. Ministrou cursos e organizou livros sobre estética e história da arte sobre obra poética de Mallarmé, além de textos sobre pintura, música e cinema.

Roberto Zular

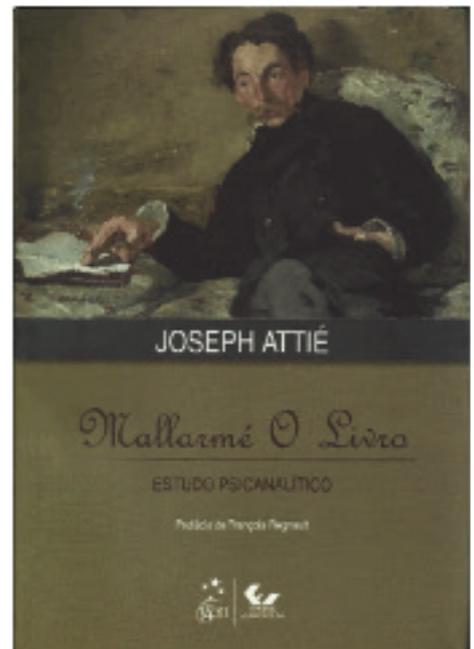
Professor doutor de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, USP. Desde 1993, dedica-se aos escritos de Paul Valéry e sua recepção entre os poetas brasileiros, o que o levou ao estudo da oralidade e da voz.

Abner Chiquieri

Bacharel e Licenciado em Letras com Francês, 1970. Complementou sua formação na França (Maîtrise en Lettres Modernes, Paris III, Sorbonne Nouvelle, 1976, e Diplôme d'Études Approfondies en Linguistique, Paris VIII, Vincennes à Saint-Denis, 1986). Publicou artigos, capítulos e livros nas áreas de Linguística, Filosofia, História, Biologia, individualmente ou em coautoria. Realizou diversas traduções de livros e algumas revisões técnicas. Tradutor do livro **Mallarmé O Livro**, de Joseph Attié.

Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri (coordenadora)

Filósofa, psicanalista membro da Escola Brasileira de Psicanálise, mestre em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR.



Seção Rio de Janeiro –Diretor de Biblioteca Fernando Coutinho

ACONTECEU

Noite da Biblioteca (28/07/2014)

Homenagem a Eduardo Coutinho

Preparatória para a XXIII Jornada Clínica da EBP-Rio

O trauma e suas vicissitudes

Desde que o brilhante documentarista de cinema, Eduardo Coutinho, de uma forma trágica deixou o cenário nacional e mundial em que circulava e no/ e para o qual realizou sua importante produção, que nós, da Biblioteca da EBP-Rio, temos pensado em prestar-lhe uma homenagem, mais que merecida, uma vez que devemos a ele sua participação em uma de nossas jornadas na qual muito nos ensinou, a partir do seu campo de saber e arte.

Em parceria com os organizadores da XXIII Jornada Clínica nos pusemos então a trabalho.

Foi enriquecedor para todos nós.

A idéia era fazermos uma edição de um dos seus filmes, Jogo de Cena, já utilizado por nosso AE em exercício, Marcus André, para as suas lições do passe. Itana, nossa aluna de ICP, se encarregou dessa tarefa, executando-a com muito esmero.

Convidamos Cristiana Grumbach, assistente do nosso homenageado, mas também diretora, roteirista, pesquisadora de personagens e editora, e, sobretudo, viemos a constatar isso na noite de ontem, brilhante oradora.

Nosso evento foi divulgado no suplemento literário do Jornal O Globo, nos projetando assim, certamente, na cidade, fora do âmbito de nossa Escola.

Como coordenador do evento, tive o prazer de abri-lo, agradecendo à nossa convidada de

honra, mas também às nossas colegas Leda Guimarães, diretora adjunta da Biblioteca, Ana Beatriz Freire e demais colaboradores sempre presentes na preparação dos eventos que organizamos.

Fizemos um agradecimento especial a Dinah Kleve, Patrícia Guimarães, Ana Tereza Groisman e José Alberto Ferreira.

A primeira parte da “soirée” consistiu na projeção da edição que foi feita do filme, em que se destacou a cena da entrevista da personagem Sarita, representada por ela mesma e em seguida por Marília Pêra, atriz profissional. Tivemos o privilégio de assistir não somente à entrevista realizada pelo Coutinho, mas também, diferentemente de quem viu o filme nos cinemas, à entrevista realizada pela própria Cristiana. As cenas são fortes, tocantes e ricas para os psicanalistas presentes ao evento.

Depois do filme, organizamos um círculo de cadeiras, diante do público presente (cerca de cem pessoas) e convidamos Cristiana, Leda e Ana Beatriz.

Cristiana nos falou inicialmente de sua experiência de trabalho com Coutinho, falando-nos da originalidade do trabalho dele e das inovações no terreno do documentarismo nacional e internacional.

Em seguida Ana Beatriz e Leda colocaram suas questões às quais Cristiana respondia sempre com o entusiasmo que lhe é peculiar.

O público presente também participou bastante.

Concluimos assim mais uma Noite da nossa Biblioteca.

Rio, 29 de julho de 2014

Fernando Coutinho Barros

Seção Santa Catarina – Diretora de Biblioteca – Laureci Nunes

ACONTECEU

As palavras em erupção: Dos traumas às invenções

Denise Wendhausen, Diego Cervelin, Rafael Caetano Cherobin e Silvia Ghizzo.

Aconteceu em SC

Em *Noites de Biblioteca* de 10 de julho iniciaram-se as Atividades Preparatórias à IX Jornada da EBPS , I Colóquio do Observatório Lacaniano da EBP e XX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano com a mesa de trabalhos: *As palavras em erupção: dos traumas às invenções*. A partir de uma interessante iniciativa de alunos do Curso de Psicanálise da Orientação Lacaniana da EBPS, quando estiveram em discussão textos produzidos a partir do *mot* supereu.

A noite de trabalhos foi aberta pela diretora Silvia Espósito e coordenada por Laureci Nunes acolhidos e foram discutidos os textos de Sivia Ghizzo “Agressividade constitutiva: gatilho da violência?”, Rafael Caetano Cherobin “Entre anomia e leis”, Diego Cervelin “Nas tramas das palavras” e o de Denise Wendhausen “O silêncio da pulsão: supereu e violência na clínica”. Foi um momento de trabalho vigoroso, onde a precisão e singularidade das questões veiculadas nos textos proporcionaram importante aquecimento para os eventos que em breve se realizarão na seção e na EBP.

Em 23 de julho o *Noites de Bibliotecas* deu seguimento às preparatórias, desta vez com a mesa intitulada: A psicanálise, a religião, a clínica, com abertura e coordenação de Eneida Medeiros Santos, diretora geral da Jornada da Seção. Na oportunidade foram apresentados os trabalhos: “Lacan: a experiência religiosa como experiência subjetiva” por Jussara Jovita, “Neurose Obsessiva e religião”, por Sandra Cristina da Silveira e Laureci Nunes com a comunicação intitulada “ Para



Lacan Deus existe?”. Essas produções ensejaram a discussão com os presentes, sobre a modificação proposta por Lacan da expressão tratamento psicanalítico para experiência analítica- no que ela se aproxima e se separa da experiência religiosa, a neurose obsessiva como religião privada do neurótico e por último o gozo feminino- gozo Outro, o sem-lei que se aproxima do gozo de Deus se ele existisse.

Noites de Biblioteca – EBP-SC – Lacan com Mallarmé

Raquel Azevedo

Mestranda em Literatura

Aluna Curso de Psicanálise da Orientação Lacaniana – EBP-SC

Sept sans sept. A equivocidade do número perfeito de Quentin Meillassoux é uma introdução à poesia de Mallarmé, ou ao pensamento do acontecimento, conforme nos ensinou Raúl Antelo em sua conferência *Mallarmé e o lugar*, realizada na seção de Santa Catarina da EBP, em 10 de junho, com comentários de Flávia Cera e coordenação de Laureci Nunes. Sete menos sete: parece se tratar de um cálculo sem maiores repercussões cósmicas. Mas o matemático indiano Brahmagupta chegou a um maravilhoso paradoxo ao estabelecer as regras para as operações com o número zero, no século VII. Qual seria o resultado da divisão de um número qualquer por zero? Se em várias culturas ele surgira enquanto uma inscrição, uma borda à ausência de unidade subsequente, as operações com o zero permitiriam que a matemática, através do cálculo infinitesimal, chegasse a uma concepção do infinito.



Há muitos infinitos entre uma unidade e outra. É possível dividir em infinitas partes o intervalo entre 1 e 2, até perder a corrida para a tartaruga, como propunha Zenon. Mas há também um nada. O medo da tartaruga é apenas a zoomorfia do medo da inoperância (a operação com o zero). É neste fio de navalha que se encontra a poesia ao trabalhar com os zeros da linguagem: inscreve em si mesma o poder de decifração. O que fala é a própria palavra, nos diz Raúl Antelo. Mallarmé é apenas profeta e epílogo. Pensar o desaparecimento do autor é pensar sempre e novamente a terceira ferida narcísica da humanidade, mas pensá-la, lembra Flávia Cera, como um acontecimento de corpo. Como vagalumes, nossos corpos trazem as marcas da presença da ausência, às vezes tão semelhantes à origem do zero: um traço que margeia uma ausência de unidade.

Delegação Rio grande do Norte – Diretora de Biblioteca – Cláudia Formiga

Biblioteca da Delegação RN

Noites da Biblioteca

Lançamento do livro “O Amor de Si”, de Carlos Augusto Nicéas

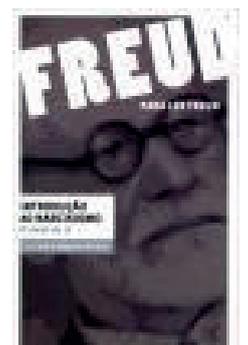
Data: 22 de agosto de 2014.

Horário: 19h30

Local: Livraria Saraiva (Shopping Midway, 3º Piso)

Comentários: Angela Pequeno

Coordenação: Cláudia Formiga



Cinema e Psicanálise

Filme: Blue Jasmine (Woody Allen, 2013)
 Data: 29 de agosto, de 2014,
 Horário: 19h:30
 Local: auditório da Aliança Francesa de Natal
 Coordenação: Liane Barros e Teresa Sampaio



Delegação Geral do Maranhão – Diretora de Biblioteca

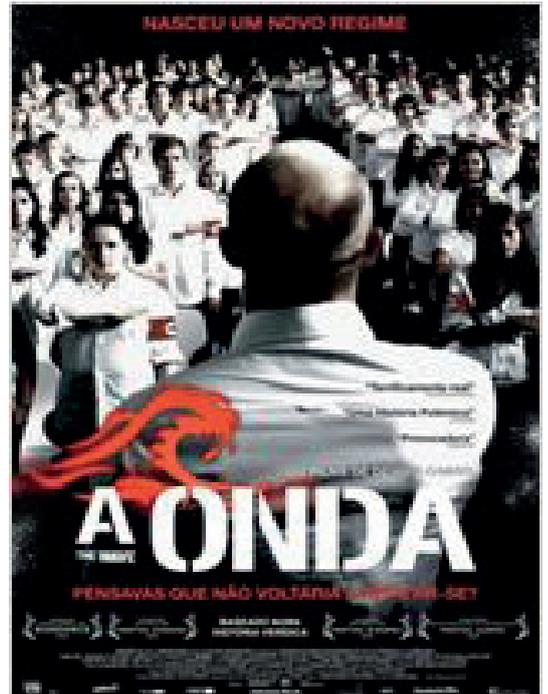
Anícia Ewerton

DELEGAÇÃO GERAL MARANHÃO
ATIVIDADE DA BIBLIOTECA
CINE INSIGHT - Dia: 02 de agosto de 2014
FILME

Sinopse

Em uma escola da Alemanha, alunos devem escolher entre duas disciplinas eletivas, uma sobre anarquia e a outra sobre autocracia. O professor Rainer Wenger é escolhido para ministrar as aulas sobre autocracia, mesmo contra sua vontade. Após alguns minutos da primeira aula ele decide, para exemplificar melhor aos alunos, formar um governo fascista dentro da sala de aula. A partir do filme, nosso propósito será fazer um link do mesmo, com o texto de Freud sobre “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, discutindo questões contemporâneas, como os movimentos dos grupos, o papel do líder na atualidade e os próprios conflitos vividos pelos adolescentes.

Comentários: Silvana Sombra, Tereza Braúna, Djanete Miranda, Carmen Damous e Anícia Ewerton – participantes da Delegação Geral Maranhão.



Delegação da Paraíba- Diretora de Biblioteca – Cristina Maia
ACONTECEU

O Soirée na DPB – Cinema e Psicanálise retomou suas atividades em julho, apresentando o filme ‘Borboletas Negras’. O debate foi fomentado a partir dos membros do cartel da DBP, ‘A função da escrita na psicose’. Essa atividade tem proporcionado aos presentes, momentos interessantes de discussão, tendo como pano de fundo, filmes que versam sobre algum tema em que a psicanálise lacaniana pode servir como norteador para o debate.

Seguindo a agenda, o filme a ser apresentado em agosto pelo Soirée na DPB será ‘Escritores da Liberdade’, momento em que o debate será orientado por Roseana Cavalcanti, Doutora em Educação, e Ana Cláudia Vasconcelos, correspondente da DPB, que coordena a ‘Oficina de leitura: pensando a educação na contemporaneidade’. Será um sábado, onde iremos congregamos pedagogos, professores, educadores de uma forma geral que se interessem pelo tema.

<p>SOIRÉE NA DPB</p> <p>Coordenação: IVF Cristina Maia Colaboração: Pauleta Nobrega</p> <p>FILME: Borboletas negras</p> <p>Debate dos componentes do cartel A FUNÇÃO DA ESCRITA NA PSICOSE - Ana Cláudia F. Vasconcelos - Thozar Katoya D. de Almeida - Ana Cláudia F. Vasconcelos - Juliana Fossato de A. Geste - Johannes Soko Angilo</p> <p>Escola Brasileira de Psicanálise Delegação Paraíba</p>	<p>Black Butterflies</p> <p>29 de julho de 2014, às 19h</p> <p>Av. Nilo Peçanha, 548 - sala 107 - CG (em cima do Subway) Atividade aberta aos interessados</p>
--	--

Escola Brasileira de Psicanálise
Delegação Paraíba

SOIRÉE NA DPB
Cinema e Psicanálise

Coordenação: M^a Cristina Maia
Colaboração: Pauleska Nóbrega

FILME: Escritores da Liberdade

Debate:
Roseana Cavalcanti (doutora em Educação)
Ana Cláudia Vasconcelos (Correspondente da DPB e coordenadora da 'Oficina de Leitura: pensando a educação na contemporaneidade')

Dia: 16 de agosto de 2014, 9hs
Local: Ipen (Av. Rio Branco, 460)



MALLARMÉ: A DPB mantém um cartel sobre Mallarmé, composto por Alice Toccheto, Raquel Ferreira, Ana Cláudia Vasconcelos, Renally Xavier e M^a Cristina Maia (como +1). O cartel visa uma Mesa Redonda que está sendo organizada para outubro, e tem como convidado, o professor da UEPB, Luciano Justino, que tem um longo trabalho sobre o poeta.

Delegação Espírito Santo –Diretora de Biblioteca – Tânia Prates

ATIVIDADES DA COMISSÃO DE BIBLIOTECA DA DELEGAÇÃO ES DA EBP EM AGOSTO **Leitura da Orientação Lacaniana 2014**

No mês de agosto continuaremos trabalhando o texto de Jacques-Alain Miller **Extimidad**.

Referência: MILLER, J. A. **Extimidad**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

Coordenação: Tânia Mara Alves Prates (Aderente da Delegação ES da EBP) - Coordenadora da Biblioteca-Delegação ES

Data e Hora: Atividade semanal - terças-feiras, às 20 h 30 na sede da Delegação ES da EBP

Data: 05 de agosto – Capítulo XIX Las ficciones del outro y del objeto – Alberto Murta

Data: 12 de agosto – Capítulo XIX Las ficciones del outro y del objeto – Alberto Murta

Data: 19 de agosto – Capítulo XX El psicanálisis y la teoría de los conjuntos

Data: 26 de agosto – Capítulo El psicanálisis y la teoría de los conjuntos

Cinema e Psicanálise

Esta atividade tem como objetivo a discussão da produção da sétima arte sob o olhar da psicanálise. Em cada encontro será visto um filme com posterior discussão dos assuntos abordados.

Data: Sábado dia 23 de agosto, às 9 h “A moça do brinco de pérolas”, filme de 2003, direção de Peter Webber (Reino Unido - Luxemburgo).

URBANAS

No mês de julho o mundo da literatura sofreu três perdas consideráveis: João Ubaldo, Rubem Alves e Ariano Suassuna. As bibliotecas, através do nosso colega Lapenda, homenageiam Suassuna, a partir de Recife a cidade onde viveu por escolha.

Evocação a Ariano

Morreu ao findar da tarde da última quarta-feira, 23 de julho, aos oitenta e sete anos, o mestre Ariano Suassuna. Filósofo e escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, com vasta obra traduzida em várias partes do mundo e vertida para o cinema e para a tv. Presença marcante tanto entre os intelectuais como entre o povo, seu nome dispensa apresentações.

Ariano trouxe à cena erudita os tipos e expressões mais fortes da cultura nordestina, desconhecidos até então no resto do país. Sua graça foi a união do erudito ao popular, do trágico ao cômico, o toque burlesco com que tratou dos temas mais universais, a leveza e a simplicidade da comunicação ao alcance de todos e de qualquer um.

Dessa forma, suas obras se deixam apresentar nas praças e nos picadeiros, em meio a recitação de cordéis e a apresentações dos teatros de mamulengos.

No discurso de posse na Academia, disse ser o mesmo menino que, após o assassinato do pai, tentava, com o que fazia e escrevia, protestar contra sua morte e recuperar sua imagem. Sua vida, no entanto, testemunhou o exercício bem sucedido de fazer o traço mortífero pela perda do pai conceder ao desejo de fruição da vida.

Mestre amoroso, eternizou seu amor por Zélia, com quem viveu por quase sessenta anos, no poema de rara beleza “A mulher e o reino” e alcançou com brilho a dignidade apontada por Lacan de ser o parceiro da fascinação de uma mulher.

A literatura lhe serviu para prover os meios com que pôde enfrentar a dura e fascinante tarefa de viver: os recursos do riso e do sonho.

Mas, foi também o portal para a atuação do cidadão que liderou mudanças em políticas públicas e deu visibilidade às formas de arte e cultura populares. Defendeu a preservação do universo vocabular, mítico e das expressões peculiares com que o povo – aquele do que chamava o Brasil real, em oposição ao país oficial – constroi sentido para o real da vida.

Guerreiro amoroso, lutou sistematicamente contra a lógica de mercado que promove o gosto médio nas artes e nos hábitos. Atacou com verve as verdades científicas e os pressupostos do pensamento que ordena o mundo contemporâneo. Para ele, a globalização era o novo nome do capitalismo e a arte não poderia ser produto de mercado.

Sem abrir mão de um estilo muito peculiar, deliciava-se com o que fazia e trabalhou com entusiasmo até as vésperas do AVC que lhe tirou a vida.

Após a notícia de sua morte, a atmosfera foi de terna homenagem. Uma sutil e carinhosa forma de tributo a quem notabilizou-se como brincante e guerreiro, fazendo da arte missão, vocação e festa.



BIBLIÔ ENTRE VISTA

Laureci Nunes conversa com Samyra Assad coordenadora do I Observatório Lacaniano da EBP, que ocorrerá dias 22 e 23 de agosto. Samyra traça as diretrizes deste movimento que defende, sobretudo, a autonomia da psicanálise.

Confiram!

LN - Sabemos que para Jacques Lacan, a partir do momento em que iniciou o seu 'primeiro ensino', e até o final de sua vida dedicada à política, à episteme e à clínica psicanalítica, as questões referentes à formação do analista tiveram lugar central. Você coordena o Observatório Lacaniano da EBP, por isso pergunto-lhe: considerando que essa entrevista é para o Bibliô, boletim das bibliotecas da EBP, que tem como função central contribuir com a formação dos analistas, qual a importância do observatório para esta formação?

SA - Imagino que a resposta a essa pergunta convoque, de algum modo, falar da função do Observatório e qual o lugar na formação do analista, já que estão, de fato, unidos.

Pensar assim permite perguntar se o Observatório, que então sustenta uma ação lacaniana contra a regulamentação da psicanálise, é uma contribuição na formação do analista ou uma das suas respostas... A experiência com o inconsciente, permite essa pergunta, que, fundamentalmente, sustenta a formação, produz um analista.

Há nisso certo tensionamento, misto de surpresa e consequência importantes, que implica, de um lado, sustentar uma intervenção no discurso social – ou seja, preservar a psicanálise fora da regulamentação –, e de outro, sustentar o que a rigor se vive numa experiência analítica, justamente ao lado do que a “legítima”, entre a doutrina e a política da psicanálise, a formação do analista.

A importância do Observatório Lacaniano da EBP para a formação do analista - posso dizer com a oportunidade que você me deu ao dirigir essa pergunta – está no fato de criarmos condições para sustentar, cada vez mais, face às tentativas contemporâneas de assassinato da psicanálise, que aquilo que fará a psicanálise sobreviver diante do triunfo da religião, é a insistência do real, tal como Lacan preconizou em 1974.

Não dá para alcançar isso se, lá no osso, na pedra do caminho de uma análise, lá onde se instala a retirada de um amparo pela crença no Outro, se dá consistência a este Outro. Não dá para viver a dimensão real da letra que escreve o ser falante, a partir de um trauma da linguagem, se a substituímos pela demanda do Outro social, colocarmos-nos sob uma lei burocrática, que se adequa e obedece ao padrão contemporâneo, no que diz respeito ao que ele dita: “rapidez para a satisfação! Daqui a pouco tem mais, mais e mais...”! E, para aqueles desavisados do caráter irreduzível do sentido da letra, e da impossibilidade radical de fazer a leitura contingente dentro de uma carga horária, tais candidatos podem facilmente aceitar, nessa onda da ditadura da satisfação pelo sentido e pelos números, o seguinte: “tome essa avaliação feita em dois anos, esse número de horas para a sua análise e supervisão, creia que um sintoma é eliminado e não liberado, para que você possa rapidinho, sentar numa poltrona e receber o infeliz que vai te pedir ajuda”... “Mas, não se esqueça, você tem que obedecer a um registro profissional, com diploma, carteira e tudo mais, bem como à respectiva fiscalização através de um Conselho Regional e Federal, para se dizer psi-

canalista apto a receber pacientes”...

Não há como colocar a experiência analítica na mudez dos números curriculares, na surdez da crença de uma religião ou do sentido, tampouco na cegueira da voracidade de um domínio político-religioso, tal como o Brasil exhibe na câmara de deputados com a bancada evangélica, que se configura como sendo a maioria deles.

O trabalho do Observatório visa “traduzir”, a partir da observação, as várias formas da fagocitose do sujeito contemporâneo pelas células do império dos números e da sede de sentido, especialmente a que também incide sobre a formação dos analistas, via tentativas de regulamentação da psicanálise. Estas acontecem de tempos em tempos quando alguns projetos de lei são elaborados, curiosamente trazidos por deputados, evangélicos.

Logo, a ação que implica preservar a psicanálise articula, de forma especial, a importância decisiva da experiência analítica na formação do analista e a consequente ação lacaniana na civilização, a fim de se preservá-la de uma ética moral e a serviço do Estado.

Trata-se de sustentar o que é eticamente incompatível com uma autorização burocrática e cronológica para o exercício da prática analítica, pois não há como colocar a experiência analítica num padrão ditado pela quantificação. E pela simples razão da presença do buraco que é o inconsciente, a presença de uma pedra no caminho, mesmo que nele se estenda um tapete vermelho rumo a uma lucidez medida, esperada e hipócrita. Algo fracassa, inexoravelmente, no campo dos seres falantes, demonstrando a experiência com o real, e é neste fracasso que a psicanálise sobrevive, mais do que sobreviverá. Daí pode advir uma invenção libertadora, “literalmente” do nada, e que pode adquirir uma durabilidade, uma satisfação superior, tal como Miller nos diz quando trabalha a questão da salvação pelos dejetos. O caso do mendigo que encontra um livro de biologia no lixo e se torna um médico, pode ilustrar essa questão, guardadas as devidas proporções, daquilo que se extrai de uma análise, quando a sucata que resta no final vira ouro, num saber fazer com isso, sobretudo quando não importa mais a verdade.

Por outro lado, podemos dizer que o “fracasso” inerente aos seres falantes abre espaço também para que a ciência faça o seu progresso, favorecendo uma subjetividade contemporânea que, afinal, rechaça o inconsciente, intensifica a insuportabilidade ao real, evita o adiamento de uma satisfação. Logo, tratar o real pelo sentido, por exemplo, é a oportunidade da religião, a boca aberta ao sentido da vida, para enfim, exercer um domínio massificador, junto à presença do sem sentido da civilização atual. Daí seu triunfo. Tudo bem, um domínio existe em qualquer lugar mas, usar o nome “psicanálise”, fixando-a num lugar de uma salvação pelos ideais religiosos, não, “pelo amor de Deus”! Aqui não tem caridade nenhuma, beneficência nenhuma, a não ser o pastor do real, tal como Miller apelida o analista. Ponto final. Ninguém vai dar nada a ninguém, nem carro, casa, família, marido ou esposa de volta, emprego: é lista das promessas que um Deus daria, ao preço da morte de um sujeito desejante.

Há um tensionamento inerente à intervenção de um singular produzido na formação do analista, via experiência analítica, sobre o universal. A importância é, portanto, a de manter a prática analítica - a formação que a sustenta - numa certa ruptura com o Outro social. A importância, enfim, está colocada na posição do analista como um rebotalho da humanidade. E não adianta reclamar, contrariar as estatísticas, tal como diz Miller – “é preciso mediações complexas para que o desejo do analista dure”.

O Observatório é, ao mesmo tempo, parte e resultado da minha formação analítica, mas como resposta, não diz tudo. Menos ainda, responde ao fato de saber por que somos impelidos a “defender” a psicanálise (no caso, com unhas e dentes, palavras, cartas, reuniões com outras instituições psicanalíticas, infinitos e-mails, colóquios, encontros, silêncios eloqüentes, arquivamento de projetos de lei) da regulamentação. Algo permanece intocável, intraduzível, mas inegavelmente, mantém e coloca em movimento a causa analítica. É assim que aproximo do real em jogo, inerente à formação analítica, a partir da letra que definiu, de certo modo, um destino a ser traçado.

LN - Em agosto próximo, dia 23, acontecerá na EBP-SC o ‘I Colóquio do Observatório Lacaniano’, com o título “Desafios Contemporâneos à Psicanálise”. Gostaríamos que antecipasse quais os desafios atuais para a psicanálise? Já sabemos que o tema subjacente ao título é a questão da

religião. Porque nesse momento a religião foi eleita como eixo fundamental para esse trabalho, e porque o 'I Colóquio' acontecerá em Florianópolis?

SA - É uma continuidade do que vínhamos falando: considero um desafio contemporâneo preservar a psicanálise fora do regime do mestre contemporâneo, e ousar dizer, sob uma espécie de fora-dentro. Podemos dizer que desde Freud, após a descoberta da psicanálise como modo de tratar sintomas cuja formação advém do inconsciente, a importância da análise leiga está em jogo, ao mesmo tempo com a relutância pelas chamadas de um tempo que coloca o sujeito sob a égide de um regime superegótico, antes de interdição, agora do gozo. A extimidade é o desafio maior da psicanálise, se assim posso dizer, onde quer que haja seres falantes. De certo modo, essa posição implica em desfazer certezas, provocar elaborações, impulsionar desidentificações, balançar a crença da salvação pelos ideais, pelo sentido.

De forma figurada, caricaturada, a religião se coloca como pano de fundo em relação aos desafios contemporâneos da psicanálise, nas vestimentas dos pastores evangélicos que se interessam em regulamentar a psicanálise. Há pastores que fundam instituições para "formar analistas", formação que se conclui a cada biênio. Estão multiplicadas assustadoramente em todo o território nacional.

Portanto, sabemos que o que se anuncia com isso, tal como já dissemos anteriormente, é a instituição de carga horária para análise e supervisão, diploma, Conselho Regional, Federal de Psicanálise Clínica e, por fim, a prática analítica restrita a médicos e psicólogos, ferindo a laicidade de uma análise.

Certamente, essa caricatura da religião não reflete em sua totalidade a influência, ou a interferência desta para o seu triunfo na civilização. Um passo a mais, e podemos ver a nefasta incidência da religião, no que se reflete a reboque disso, nas tentativas, inclusive de reorientação sexual ou projeto de cura-gay (como vimos ser requerida, sem êxito, pelo ex-presidente da Câmara de Direitos Humanos, o pastor Marcos Feliciano); no projeto do ato médico (que visa o monopólio dos médicos nos atendimentos interdisciplinares de saúde dentre outros, que felizmente o vencemos); na recusa da clínica analítica para o autismo (respondida até então por um excelente movimento da EBP denominado 'Comissão Autismo'). Estas são roupagens da sede de sentido contemporânea, ou do movimento cuja salvação se fixa e é oprimida pelos ideais, tanto da ciência quanto da religião. Trata-se de movimentos que exigem o tamponamento de um furo irremediável na existência humana, trazendo a oferta de um sentido para o que de insuportável, a permissividade ao gozo apresenta.

Mas, em se tratando de desafio, não desejamos estabelecer um confronto com a religião, a psicanálise sobreviverá ou não. Prefiro apostar, em primeiro lugar que, a psicanálise sobrevive, seja conduzindo as análises a seu termo, a partir da própria experiência analítica que produziu um analista, seja construindo colóquios que envolvam outros discursos, participando de movimentos que abrigam maiores representatividades, seja formando opiniões em nossas jornadas, encontros brasileiros e congressos.

Tudo dependerá dos efeitos que uma experiência analítica traz, nos campos clínico, epistêmico e político – ou seja, os efeitos de uma psicanálise pura dos ideais sociais e políticos. Parece ser aí que o ensinamento de Lacan, no momento do seu Seminário sobre *A Lógica da fantasia*, encontra uma expressão que evidencia ou reforça, no contexto atual, o pivô de uma direção: "O inconsciente, é a política".

O 'I Colóquio' será realizado em Florianópolis por estarmos trabalhando, junto aos colegas da EBP-SC, ao Conselho e à Diretoria da EBP, a incidência de uma "Associação Beneficente da Psicanálise de Deus", homologada pela Prefeitura da cidade como sendo de utilidade pública, há quase dois anos atrás. Aqui está somente a ponta de um iceberg, a eleição desse 'I Colóquio do Observatório' em Florianópolis, não deixou de contar com a hipótese relativa ao interesse pela regulamentação da psicanálise por deputados pastores evangélicos desde o final do século XX, e a consequente luta contra isso desde então. Até agora não temos mais notícias de um projeto de lei nesse sentido. O que não significa não haver mais preocupação a respeito, pois, em dimensões opostas, os religiosos também trabalham em silêncio, até que um novo incêndio aconteça.

Quanto à escolha do lugar para a realização do 'I Colóquio do Observatório Lacaniano da EBP', posso dizer que isso ocorreu de uma contingência. Florianópolis foi escolhida, junto à posterior e excelente formulação do tema da IX Jornada da EBP-SC, "**Psicanálise, Crenças, Leis**". Ao lado disso, não poderia deixar de estarem, os "**Desafios Contemporâneos à Psicanálise**", os quais serão trabalhados, na série que se instaura a partir da inscrição de um primeiro colóquio, nos temas que os eventos da EBP propõem e são lançados na sociedade. Esse trabalho terá sequência a partir de uma leitura, de uma observação da expressão da subjetividade contemporânea, no campo da formação dos futuros analistas.

Uma consequência da criação do Observatório "**Legislação, Subjetividades Contemporâneas e a Psicanálise**" da EBP, foram os observatórios, estabelecidos com o mesmo título na EOL e na NEL, inscritos na Federação Americana de Psicanálise de Orientação Lacaniana (FAPOL) e na Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

É com muito gosto que prosseguiremos o trabalho do Observatório, sob a égide das consequências de um desejo inédito na clínica, na episteme e na política, a partir da raiz de uma letra, com outro tipo de consentimento.

LN - Para esse desafiante trabalho, que livros recomenda, considerando que dialogamos no seio do boletim das Bibliotecas?

SA - Prefiro remeter ao site <http://psicanalisecrencasleis.wordpress.com> onde se encontram, tanto as sugestões bibliográficas, quanto a programação do I Colóquio do Observatório - imperdível - junto à IX Jornada da EBP-SC!

Obrigada.



REFERÊNCIAS DO SEMINÁRIO LIVRO 6 DE JACQUES LACAN: "O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO" (1958-1959)

Pesquisa realizada por: Mirta Zbrun (Coordenação). Clarisse Boechat; Lenita Bentes; Leonardo Scofield; Maria Aparecida Malveira; Paula Legey; Patricia Paterson; Vicente Gaglianone; Rodrigo Fraga

Apresentação.

Nesta seção de aulas, VII, VIII e IX, poderemos acompanhar a leitura que faz Lacan, não só do sonho do pai morto, mas também, do sonho do paciente de Ella Sharpe. Quanto ao primeiro, Lacan indica que no sonho, não se trata de nenhuma experiência insondável, "nele, isso se lê do que dele se diz". Neste sonho se trata da dor fundamental, quando o desejo se evanesce.



Ulysses et le Polyphème: Allori, 1575

A morte do pai faz desaparecer um escudo, que é o pai, à morte como mestre absoluto. Lacan trabalha a dialética demanda-desejo, sendo o desejo subvertido em sua ênfase. Ele é ambíguo por passar pelas vias do significante. O desejo, além de sua ambiguidade é o suporte da fantasia, nas três fases desenvolvidas por Freud, a qual comporta a dimensão sádica e masoquista. Ainda na aula VII, trabalha a espacialidade do aparelho psíquico a partir da imagem real e virtual, aportando com o modelo ótico, uma importante ferramenta para a teoria do narcisismo. “Amar é dar o que não se tem”, dialética entre o Outro que tem e o Outro que não tem o falo. A relação do homem e da mulher com este, encontra desde o primeiro ensino, importantes consequências, tais como Lacan as apresenta no final desta aula.

Na aula VIII, estão os dois aspectos da cadeia significante, o enunciado do sonho comporta um índice de enunciação, estando ambos articulados à natureza da interpretação do sonho analisado nesta aula. Se a linguagem introduz a dimensão do ser, Lacan tem o cuidado de diferenciar o ser da filosofia do ser para o sujeito do significante. O ser do sujeito está na fantasia. É nas vacilações do discurso que o sujeito é restituído do que não pode encontrar sozinho. A análise minuciosa do sonho de um paciente de Ella Sharpe, segundo sonho trabalhado nesta sequência de aulas, Lacan sublinha as fantasias que permeiam o relato do sonho. O episódio da tosse, sequenciado com o latido como um cão, mostra que o sujeito não está onde se encontra.

Na aula IX prossegue, sobre a fantasia do cão, dizendo que o voto neurótico é sempre de “onipotência do discurso”, no caso uma onipotência agressiva. Lacan chama a atenção para a importância da leitura gramatical do enunciado do sonho, apresentando sua discordância quanto a interpretação feita por Ella Sharpe. Outro ponto abordado por Lacan nesta aula é a “douta ignorância”, conferindo a esta a maior importância no desciframento da mensagem. Assim, o desejo está centrado lá onde eu penso que alguém pode pensar. Neste final de aula, Lacan escreve dois grafos para trabalhar a mensagem e sua retroação, e o vetor do desejo na enunciação do sujeito.

Lenita Bentes

CAPITULO VII: A MEDIAÇÃO FÁLICA DO DESEJO

TEMA I: NO SONHO, ISSO SE LÊ DO QUE DELE SE DIZ.

Lacan inicia o capítulo VII, desenvolvendo a questão do sintoma em sua relação com o desejo, faz isso tomando o sonho do pai morto, aquele que o filho está diante do pai, tomado pela dor de pensar que seu pai estava morto, e que ele não o sabia.

A ignorância é imputada ao outro e como não ver que, inversamente, há também a ignorância do próprio sujeito que não sabe qual é a significação do seu sonho? Um sonho não introduz a nenhuma experiência insondável, a nenhuma mística; nele isso se lê do que dele se diz. Pode-se ir mais longe ao tomar seus equívocos no sentido mais anagramático do termo, assinala Lacan (1971-72, p.192).

PROPOSIÇÕES

A DOR DE EXISTIR COMO A EVANESCÊNCIA DO DESEJO.

O SUJEITO NÃO SABIA QUE SABIA

TEMA II: O DESEJO SE INSCREVE NO REGISTRO DA DEMANDA.

Lacan situa o sujeito do desejo a partir da demanda. Ele faz uso de um artigo de Ernest Jones para demonstrar que há uma escolha subjetiva implicada nos caminhos do desejo. A fantasia apresenta-se neste contexto como suporte para um desejo que seria, de outra forma, puramente evanescente.

Se o desejo não pode ser articulado é, entretanto, articulável via demanda. “É nas teias da demanda que percebemos que o desejo é subvertido em sua ênfase, tornado ambíguo, ele mesmo, por sua passagem pelas vias do significante.”²

PROPOSIÇÕES

A. O SUJEITO SE SITUA NOS LABIRINTOS ENTRE DESEJO E DEMANDA.

B. A FANTASIA É O SUPORTE DO DESEJO

² Lacan, J. O seminário livro V [1957-1958], As formações do Inconsciente, Jorge Zahar ed, pág 93

C. OS ENGANOS DO OBSERVADOR E AS IMÁGENS REAIS.

TEMA III: O AMOR e Mais Ainda...

Mas nesta marionete falta uma coisa – o falo, como evocado no tema II. Lacan prossegue dizendo que, em face do outro, o sujeito se identifica ao falo, mas ele se fragmenta quando está na presença do falo. Remete ao que ocorre na relação amorosa do homem e da mulher para exemplificar.

O homem no desejo, se encontra além da relação amorosa. A forma preenchida desta relação supõe, com efeito, que o sujeito dá aquilo que não tem, o que é a definição mesma do amor. Ao contrário, a forma ideal do desejo, afirma Lacan, é realizada pelo sujeito no que ele encontra o complemento do seu ser na mulher, no que ela simboliza o falo.

PROPOSIÇÕES

A. NA DIREÇÃO DA FALTA, O AMOR É DAR O QUE NÃO SE TEM.

COMO NA MULHER O AMOR TOCA SEU SER

Leon Trotsky. Nascido Lev Davidovich Bronshtein em 1879, intelectual e revolucionário bolchevique, expulso do Partido Comunista Soviético e forçado ao exílio, recomeçou a vida no México. Perseguido pelos assassinos de Josef Stálin, foi morto na cidade do México.

AUTORES CITADOS

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

Lacan, J. (1960-1961) O Seminário 8 A transferência. Jorge Zahar, 1992.

Lacan, J. (1971-1972) O Seminário 20 Mais Ainda. Jorge Zahar, 1985.

Miller, J.A. Lógicas de la vida amorosa. 1ª Ed. Buenos Aires: Mannantial, 2009.

CAPITULO VIII: DA ESTRUTURA SUBJACENTE À CENA FANTASMÁTICA

TEMA I: OS DOIS ASPECTOS DA CADEIA SIGNIFICANTE

No capítulo VIII, Lacan levanta a seguinte questão: “O que fazemos quando comunicamos um sonho?” De modo geral, um relato comporta de um lado, o enunciado puro e simples dos fatos, e de outro uma dimensão de enunciação latente, que não necessariamente é posta em evidência. Então, pergunta ele, qual é a especificidade da enunciação de um sonho?

PROPOSIÇÕES.

A. O ENUNCIADO DO SONHO COMPORTA UM ÍNDICE DE ENUNCIÇÃO

B. A FRAGMENTAÇÃO QUE SE PRODUZ PELA DECOMPOSIÇÃO SIGNIFICANTE NA ENUNCIÇÃO É DA MESMA NATUREZA DA INTERPRETAÇÃO DO SONHO

AUTORES CITADOS.

Sigmund Freud. A Interpretação dos sonhos (parte II) (1900-1901). Em: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, Vol V. Rio de Janeiro Imago, 1996.

Aristóteles. Tratados de Lógica. A partir de cuja investigação filosófica, a alteridade passa a ser considerada como o “eu mesmo do sujeito” e não mais Deus. Nesta obra, faz uma distinção entre o homem individual e o sujeito, mostrando que a substância do sujeito transcende a ele.

REFERÊNCIAS NA OBRA DE LACAN.

A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. (1957) Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Lacan trabalha as propriedades da cadeia significante e discute seu modo particular de apropriação do conceito de Saussure.

TEMA II: O SIGNIFICANTE E O SER

Nesse capítulo, Lacan afirma que a linguagem introduz a dimensão do ser, e ao mesmo tempo a rouba do sujeito. A questão sobre o ser é um produto do discurso, criada pela demanda. Essa referência ao ser se faz presente ao longo de todo ensino de Lacan. Uma das mais conhecidas é na expressão a “falta a ser” em que ele destaca o intervalo cavado pela demanda, que faz com que o sujeito busque, sem encontrar, o seu complemento no lugar do Outro (Lacan, 1958, p.633).

Devemos tomar o cuidado em diferenciar o que Lacan chama de ser, do que é nomeado dessa

forma na tradição filosófica. O tema do ser na filosofia é bastante complexo, mas tradicionalmente, diz respeito a uma essência fixa. Lacan indica o quanto é problemática a dimensão do ser para o sujeito do significante, parlêtre. No seminário 20, por exemplo, ele afirma que a linguagem nos impõe o ser, ao mesmo tempo que nos obriga a admitir que do ser jamais temos nada (1972-73, p.61). Isso corresponde ao movimento de dar significado, por um lado, e à insuficiência da **linguagem em nomear o real, por outro.**

PROPOSIÇÕES:

A. O SER DO SUJEITO ESTÁ NA FANTASIA

B. O AFETO SE CONOTA EM UMA POSIÇÃO DO SUJEITO COM RELAÇÃO AO SER REFERÊNCIAS NA OBRA DE LACAN.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J O Seminário, livro 10: A angústia (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, J. (1972-1973). O Seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA

O estreito de Bósforo.

Herótodo, L'Enquête. Gallimard: Paris, 1964.

O estreito de Bósforo situa-se entre o mar negro e o mar de mármara, e demarca a passagem do continente asiático par o continente europeu. O estreito foi palco de muitas guerras navais, especialmente entre cristão e muçulmanos. Lacan faz referência a Bósforo, para situar o afeto da raiva. Ele afirma que a raiva aparece quando o real irrompe no meio de uma trama simbólica bem articulada, desarrumando a ordem e a lei. Ele compara a irrupção do real, à tempestade do estreito de Bósforo, que faz o mar revoltado e impede a bem planejada saída dos barcos do convés.

TEMA III: A TOSSE ANUNCIA UM ENQUADRE FANTASMÁTICO

Esta é a primeira de cinco lições nas quais Lacan se dedica à análise minuciosa do sonho de um analisante, relatado por Ella Sharpe, a fim de sublinhar as fantasias que antecipam e permeiam o relato de um sonho. Este sonho é a quinta lição do livro em que ela relata as aulas que ministrou para analistas praticantes nos anos 1934 a 1936, no Instituto de Psicanálise de Londres.

Ella Sharpe descreve o paciente como um homem muito polido, e acima de tudo controlado, sem que ela pudesse perceber nele quaisquer manifestações de afeto. Este analisante jamais era ouvido quando subia as escadas para seu consultório. Contudo, a partir de determinado dia, ele começa a se anunciar na sala de espera por uma discreta tosse.

A analista percebe muito rapidamente, que há uma manifestação do inconsciente que ultrapassa o sujeito nesta tosse, ela toma esta tosse como o anúncio feito pela pomba, ao trazer a Noé um ramo de oliveira, que de havia terra seca e vida para além de sua arca. Contudo, Ella Sharpe justifica não ter feito intervenção sobre este ponto, por acreditar que poderia destruir esta manifestação. No ponto em que Ella Sharpe se detém, o analisante avança e interroga o estatuto de mensagem da tosse.

PROPOSIÇÕES

A. O SUJEITO COMO TERCEIRO QUE OBSTACULARIZA O ENCONTRO

B. O CÃO COMO PRESENÇA DE UMA AUSÊNCIA: A AFÂNISE DO FALO

AUTORES CITADOS

Ulysse et le Polyphème: Allori, 1575

REFERÊNCIAS NA OBRA DE LACAN.

LACAN, J. (1958). Registro do Colóquio de Royaumont. A Direção da Cura e os Princípios de seu Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA.

Sharpe, Ella F. (1930). The technique of psycho-analysis. Seven lectures. International Journal of Psycho-Analysis, 11, 251-277; 12, 24-60.

Sharpe, Ella F. (1935). Similar and divergent unconscious determinants underlying the sublimations of pure art and pure science. International Journal of Psycho-Analysis, 16, 180-202.

Sharpe, Ella F. (1940). Psycho-physical problems revealed in language: An examination of metaphor. *International Journal of Psycho-Analysis*, 21, 201-213.

Sharpe, Ella F. (1950). *Collected papers on psycho-analysis*. (M. Brierley, Ed.) *International Psycho-Analytical Library*, vol. 29.

London: Hogarth and the Institute for Psycho-Analysis.

CAPITULO IX

A FANTASIA DO CACHORRO LATINDO

TEMA I: A ENUNCIÇÃO DO SONHO SUAS INTERPRETAÇÕES E O OUTRO.

Lacan inicia este capítulo, retomando a análise que faz Ella Sharpe de um sonho “singular”. Ele evoca os méritos da direção do sentido da análise do sonho, e de como ela o interpreta “linha por linha”. No entanto, Lacan chama a atenção para um aspecto ausente na orientação do sonho, por Ella Sharpe, refere-se ao que há de ambíguo no sentido de um desejo ligado aos votos de onipotência do paciente em questão. Lacan afirma assim que, o voto neurótico é sempre de onipotência, de “onipotência do discurso”, ele completa, evidenciando a onipotência do discurso intermediado pelo Outro que o profere.

PROPOSIÇÕES

- A. A INTERPRETAÇÃO NÃO É SUSTENTADA APENAS PELO CONFLITO IMAGINÁRIO.
- B. A IMPORTÂNCIA GRAMATICAL DA LEITURA DO ENUNCIADO DO SONHO
- C. A TOSSE-MENSAGEM É UMA DEFESA CONTRA A CASTRAÇÃO DO OUTRO

AUTORES CITADOS

Sharpe, Ella F. (1937). *Dream analysis: A practical handbook for psychoanalysts*. London: Hogarth and the Institute for Psycho-Analysis

REFERÊNCIAS NA OBRA DE LACAN.

LACAN, J. *Agressividade em Psicanálise* (1958). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TEMA II: NÃO HAVERIA DISCURSO ANALÍTICO SENÃO REFERIDO AO OUTRO.

O sujeito se pergunta desde sua “douta ignorância”, o que é este significante do Outro em mim? Lacan assinala que nessa pergunta sempre há uma mensagem, cuja cifra de gozo deverá ser quantificada na experiência analítica. Responder à pergunta sobre o desejo do Outro, significa um esvaziamento do gozo fixado nas representações inconscientes que os significantes assinalam.

Desde sua própria inocência ou ignorância douta, o sujeito sempre se pergunta sobre esse significante, na medida em que ele é significante de alguma coisa no seu inconsciente. A pergunta que conduz toda a experiência da análise consiste no “esclarecimento” do que é esse significante do Outro.

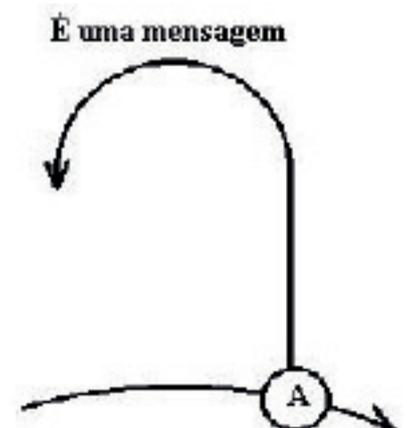
A inocência ou a “douta ignorância” do sujeito, é uma condição sine qua non da análise, no deciframento da mensagem que vem do Outro.

PROPOSIÇÕES

- A. DE COMO FAZER O DISCURSO ANALÍTICO CONCERNIR AO INCONSCIENTE UMA VEZ QUE ELE CONCERNE AO OUTRO.
- B. O DESEJO ESTÁ CENTRADO LÁ ONDE EU PENSO QUE ALGUÉM PODE PENSAR
- C. O SUJEITO SE EXTRAÍ DO SIGNIFICANTE QUE NÃO O É.
- D. SABER SOBRE, O QUE ELE ME QUER? REALIZA A ARTICULAÇÃO INSTANTÂNEA ENTRE O OUTRO E O INCONSCIENTE.

Referências.

Nicolas de Cusa. Cardeal alemão nascido Nicolau Krebs em Cusa, em 12 de fevereiro de 1440. A obra que mais o notabiliza-

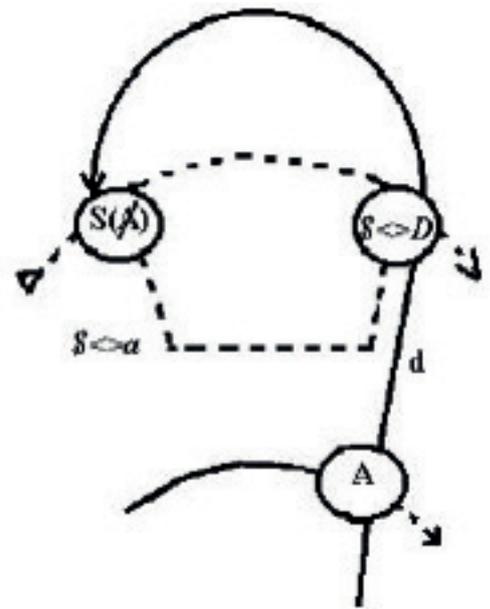


ria nos séculos seguintes foi “A douta ignorância”, que tornou-se emblemática como resposta, tanto para os dogmatismos, quanto para os cepticismos, que frequentemente ameaçavam a aventura humana do saber.

TEMA III: O VETOR DO DESEJO NA ENUNCIÇÃO DO SUJEITO

Lacan esclarece que o que se observa no vetor superior do grafo - chamado de “grafo do desejo” vai do significante da falta no Outro, ao mathema da pulsão e assinala que esse Significante do Outro [S (A)]: “está em mim (moi)”. E o circuito pulsional (S/ \diamond D) deverá passar necessariamente pela fantasia [S \diamond a], e a seguir percorrer a linha do desejo (d).

Na continuação, Lacan comenta, a propósito do sonho do paciente de Ella Sharpe, que a fantasia que todo sonho mostra, é geralmente contrária a que o sujeito constrói no estado de vigília. Do que se conclui do caráter de enunciação de todo sonho. E a pergunta pelo desejo do Outro, pelo Significante do Outro [S (A)] velado para o sujeito até esse momento, deverá ser finalmente o schibboleth da análise, no entanto o sujeito não conhece essa incidência do Significante do Outro.



PROPOSIÇÕES

O SIGNIFICANTE DA FALTA NO OUTRO NÃO É QUALQUER SIGNIFICANTE.

B. O MATEHMA DA PULSÃO ARTICULA SUJEITO E DEMANDA NA PRODUÇÃO DO MAIS - DE - GOZO.

AUTORES CITADOS

LEWIS, CAROLL, Alice's Adventures in Wonderland (1865), Les Aventures d'Alice au pays des merveilles (trad. - H.Parisot). Paris, 1970, Aubier-Flammarion.

LEAR, E., Book of Nonsense (1846), Poèmes sans sens (trad. H. Parisot), PARIS, 1968, Aubier-Flammarion.

PIAGET, Jean. (1896-1980) Epistemólogo suíço considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Fundou a Epistemologia genética com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

REFERÊNCIAS NA OBRA DE LACAN

“Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano”. Escritos, Jorge Zahar Editos, Rio de Janeiro, 1988.

Schibboleth do hebreu (תלויבש): é uma peculiaridade de pronúncia, que serve para identificar um determinado grupo linguístico, funcionando praticamente como um tipo de senha linguística, traduzido por alguns como “espiga de grãos” por outros como “torrente de água”.